

Editorial

Os Estágios Supervisionados e o Ensino Remoto

Equipe Editorial da Revista Cadernos de Estágio

O ano de 2020 foi marcado por crises de diversas ordens – sanitárias, políticas, ambientais, humanitárias – decorrentes tanto da pandemia causada pelo Sars-Cov-2 como das fragilidades sociais e democráticas que nosso país enfrenta e que se tornaram mais evidentes nesse novo contexto. No âmbito educacional, a transição para o ensino remoto como medida emergencial que pudesse atender o necessário isolamento social causou um grande impacto na forma como ensinamos, aprendemos e nos implicamos com o conhecimento. Essa transição não foi um processo instantâneo, tampouco horizontal. Essa transição implicou formas diferentes de se relacionar com o saber e com os outros, agora a partir de uma dinâmica de redes que é, ao mesmo tempo, desigual e conflitante, como alerta Pierre Lévy¹. Desigual e conflitante porque, apesar das escassas políticas de facilidade de acesso à internet promovidas por alguns governos, o novo relatório do UNICEF/ITU (Fundo das Nações Unidas para a Infância/ União Internacional de Telecomunicações) aponta que dois terços das crianças em idade escolar no mundo não têm acesso à internet em casa².

No Brasil, a situação não é diferente. Apesar de termos, desde 2019, mais de 130 milhões de pessoas conectadas à internet (Comitê Gestor da Internet no Brasil), esse acesso não é uniforme entre as camadas sociais, prevalecendo a divisão digital que impede crianças e jovens de acessar aprendizagem digital. Durante 2020 foram frequentes os relatos de pais, mães

e estudantes que narravam a incapacidade de acessar as aulas online, por falta de equipamentos (computadores, celulares, tablets) ou mesmo de conectividade³.

No Rio Grande do Norte, a retomada do calendário escolar para a Educação Básica fez com que docentes e gestores/as, das diferentes redes de ensino, readequassem estratégias e metodologias de ensino, construíssem novos canais e formas de comunicação com os/as estudantes e famílias, desenhassem outros espaços de sala de aula, criassem novas formas de avaliação, revissem todo o planejamento para um ensino remoto. As soluções encontradas foram as mais diversas: utilização de diferentes tecnologias da informação e da comunicação, como aplicativos como o WhatsApp para interação entre professores/as e estudantes e envio das atividades; adoção de estratégias de comunicação de massa para TV e rádio no formato de tele-aulas e rádio-aulas; envio de atividades impressas para os estudantes, normalmente atreladas à entrega de kits de higiene e cestas básicas, tendo em vista a situação de pobreza de muitas famílias.

Nesse contexto, a educação se (re)configurou. Os/as estudantes não povoam mais coletivamente espaços como os corredores, pátios e salas de aula, mas sim, agora, habitam individualmente as telas de celulares e computadores. Raras são as vezes em que se escuta suas vozes ou se vê seus rostos. Geralmente são representados por letras ou imagens estáticas, isso quando conseguem acessar esses ambientes

1. LÉVY, P. *Cibercultura*, Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

2. Reportagem disponível em [https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/dois-tercos-das-criancas-em-idade-escolar-no-mundo-nao-tem-acesso-a-internet#:~:text=Nova%20porque%2FGenebra%2C%201%C2%BA%20de,Inf%C3%A2ncia%20\(UNICEF\)%20e%20da%20Uni%C3%A3o](https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/dois-tercos-das-criancas-em-idade-escolar-no-mundo-nao-tem-acesso-a-internet#:~:text=Nova%20porque%2FGenebra%2C%201%C2%BA%20de,Inf%C3%A2ncia%20(UNICEF)%20e%20da%20Uni%C3%A3o) (Acesso em 12 de abril de 2021)

3. Uma hora de aula assistida no Google Meet pelo celular, por exemplo, consome em média 500 megabytes, 1/4 dos planos de dados mais populares (que permitem acesso a até 2000 megabytes em um mês).

virtuais. Raros são os diálogos, as trocas, as interações. Pouco se sabe o que pensam, o que estão ou não entendendo. Mas estão lá. Ou será que não estão?

Esse cenário desafiador, marcado por diferenças e novos espaços de atuação docente, implicou, também, para os Estágios Supervisionados de Formação de Professores, novos contextos de aprendizagem para os/as professores/as em formação. Os Estágios Supervisionados são por natureza espaços fecundos para construção da identidade docente. Funcionam a partir de experiências de aproximação e imersão na cultura escolar. Essa aproximação e imersão precisaram ser reconfiguradas, uma vez que o ensino remoto causou, também, uma drástica reconfiguração na cultura escolar. Foi necessário se aprender a transitar de uma cultura do contato, do sentir e da presença física na escola para uma cultura do online, em que as relações são estabelecidas a partir de outros parâmetros. Como esse processo ainda está em curso, o que nos resta é mapear e refletir sobre seus funcionamentos, seus desdobramentos, suas consequências, como intentamos fazer neste número da revista: *Experiências Remotas I*.

Na edição anterior (v2n1) da revista *Cadernos de Estágio*, foram apresentados um conjunto de debates coletivos organizados por professores/as do Grupo de Trabalho de Estágios (GT de Estágios) da UFRN e da rede básica de ensino do Rio Grande do Norte sobre os desafios formativos demandados por um contexto de educação em formato remoto, em especial nos Estágios Supervisionados de Formação de Professores. Esses textos apontam preocupações e os desafios acerca do ensino remoto e dos estágios nesse contexto.

Esta edição da revista (v2n2), por sua vez, traz reverberações desse trabalho de planejamento coletivo, na forma de narrativas vividas nos Estágios Supervisionados realizados em formato remoto a partir de contextos diversos. Aqui, encontramos reflexões sobre como foram configuradas essas experiências de aproximação e imersão em um novo contexto escolar baseado no Online. A edição conta com Ensaio, Crônica, Relatos de Experiência e Artigos que abordam configurações absolutamente inaugurais na trajetórias desses/as docentes (em atuação e em formação), advindas do ensino remoto, dos estágios em formato remoto e da supervisão desses estágios nesse modelo de ensino. Os mais de 30 textos que compõem a edição nascem da parceria entre estagiários/as, orientadores/as e supervisores/as de estágio, que, pela primeira vez na revista *Cadernos de Estágio*, assinam os textos junto com os/as estudantes – fato que evidencia a importância da atuação desses/as profissionais não só na formação de seus/suas alunos/as na educação básica, mas, do mesmo modo, na formação dos/as estagiários/as ao longo da licenciatura.

Esse fato marca, também, o importante trabalho colaborativo e em rede que temos desenvolvido na interface Universidade/Escola. Nesse sentido, aos/às docentes que aceitaram supervisionar nossos/as estudantes em um momento tão difícil e trazem sua experiência descrita nas páginas desta revista, nosso muito obrigado.
